

82.09
F27n
ex=3
C92569328

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Universidade de Pontas e Lacerda-MT

RG N.º 00534538
Data 07 / 03 / 05
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A NATURAL INSTABILIDADE HUMANA EM “ESAÚ E JACÓ”

MÁRCIA XAVIER DE FREITAS FELICIANO

PONTES E LACERDA
2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A NATURAL INSTABILIDADE HUMANA EM “ESAÚ E JACÓ”

MÁRCIA XAVIER DE FREITAS FELICIANO

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Pontes e Lacerda, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Renata Beatriz B. Rolon

PONTES E LACERDA

2004

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca:

Local e data de apresentação

AGRADECIMENTOS

À Deus que esteve comigo a cada hora da minha árdua batalha, ofereço minha vida e peço a sua benção para a nova jornada que se inicia.

À todos que de algum modo me incentivou nesta jornada, o meu mais sincero agradecimento...

Sei que muitas foram as vezes que seus olhos me buscaram e eu estive ausente, muitas vezes buscaram meu sorriso e eu estava cheia de pressa, horas marcadas para tudo e não me encontrava disponível...

Ainda que estivesse tão envolvida com meu próprio futuro, sei quem sem vocês não teria chegado até aqui.

À vocês, a meu filho e esposo, à Deus, porto seguro de meus medos, de minhas dúvidas, de minhas buscas, recebam minha gratidão, reconhecimento e lembrança, de que nos méritos desta conquista há muito de tuas presenças!!.

SUMÁRIO

Resumo.....	01
Apresentação.....	02
1. Machado de Assis autor realista ou de transição?.....	03
1.1 O movimento realista no Brasil.....	05
1.2 Um olhar crítico sobre Machado de Assis.....	06
2. Uma análise sobre o universo narrativo Machadiano.....	08
2.1 O narrador em Esaú e Jacó.....	09
2.2 Personagens em Esaú e Jacó.....	11
2.3 Romance histórico ou político?.....	13
2.4 Realismo?.....	15
3. Intertextualidade e Polifonia.....	17
3.1 As diferentes vozes e Esaú e Jacó.....	18
3.2 Pedro e Paulo e a dualidade humana.....	22
Considerações finais.....	24
Bibliografia.....	25

RESUMO

Este trabalho pretende realizar uma análise literária do romance *Esau e Jacó* (1904) de Machado de Assis, em relação a ambigüidade humana, através da rivalidade dos gêmeos Pedro e Paulo. Para isso realizamos algumas leituras e nos contextualizamos do período histórico da obra analisada, a qual se deu no período da queda do Império e consequentemente a Proclamação da República (1889). Assim temos um momento de muito conflito entre as pessoas, as quais estavam desacreditadas quanto ao novo regime instalado no Brasil. Através dos personagens, Pedro e Paulo, em que um era Monarquista (conservador) e outro era Republicano (liberal) podemos perceber as duas metades do ser humano que na verdade nos é mostrado na obra por meio dos gêmeos, significando nada mais nada menos que o próprio ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia, “espírito nacionalista”, intertextualidade, polifonia, ambigüidade humana.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realiza uma análise da obra *Esau e Jacó* (1904) de Machado de Assis, nos aspectos em que podemos trabalhar a intertextualidade e polifonia, juntamente ao caráter que destaca a ambigüidade humana. Esta por sua vez será observada através dos personagens Pedro e Paulo, nos quais o romance gira em torno, sendo caracterizados por uma rivalidade, mesmo antes de nascerem, ou seja, dentro do útero materno.

Para alcançarmos tais objetivos, apresentamos o movimento literário e alguns aspectos da narrativa machadiana, como também tecemos comentários sobre alguns personagens a suas respectivas características.

1. Machado de Assis autor realista ou de transição?

A mais importante fase da carreira de Machado de Assis concentra-se na trilogia de romances realistas. O primeiro deles foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881. Além de inaugurar o Realismo Brasileiro, apresenta as mais radicais experimentações na prosa do país até então. Narrado por um defunto autor, de forma digressiva e agressiva, o romance apresenta a vida inútil e desperdiçada do anti-herói Brás Cubas, utilizando recursos narrativos e gráficos inusitados, Machado surpreende a cada página com sua ironia cortante.

Em *Quincas Borba* (1891) Machado ironiza e demonstra as teorias darwinistas tão caras aos naturalistas. Em *Dom Casmurro* (1899) apresenta algumas personagens mais complexas da literatura universal, neste Machado apresenta o primeiro narrador não confiável da literatura brasileira.

Quanto a obra *Esau e Jacó* de Machado de Assis, publicada no período em que se enquadra o movimento realista no Brasil, apresenta fidelidade na descrição de situações e personagens, pois esta é uma característica do movimento.

A verdade dos fatos é uma das principais preocupações realistas. Se compararmos o escritor realista com o romântico, veremos que este se caracteriza pela fantasia, pela imaginação, pelo idealismo. Já o escritor realista é, mais ou menos, o oposto: encara a realidade direta, objetiva, procura mostrar o que é, não o que deve ser, como faziam os românticos.

Na obra acima citada, diversas passagens mostram a preocupação de Machado de Assis com a verdade dos fatos e em ser fiel naquilo que narra, como podemos perceber no trecho que segue extraído do capítulo V.

*Não me peças a causa de
Tanto encolhimento no anúncio(...). Quando muito,
explico -as, com a condição de que tal costume não
pegue. Explicações comem tempo e papel, demoram
a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com
atenção (Assis: 2002, 24).*

No realismo o escritor não interfere na conduta de suas personagens, tanto quanto possível, muitas vezes afasta-se delas, desenvolvendo assim uma narrativa objetiva

e impessoal. Assim Machado em sua obra narra de forma lenta e pormenorizada, todo e qualquer detalhe aparentemente dispensável os quais contribuem para o painel ou retrato da realidade que se quer expor.

O realista retrata a vida contemporânea fixando-se no presente, pois o que interessa é a vida que o rodeia, com isso justifica-se a crítica, a sátira e a ironia que os escritores usam para mostrar as depravações morais da sociedade, da qual riem e escarnecem.

Em *Esau e Jacó* encontramos o tom irônico, no caso da *Tabuleta do Custódio*, da história do *irmão das almas* e mesmo a situação política do Batista. Para ilustrar esse item, não há melhor exemplo do que os fatos políticos ocorridos na época e que vão culminar na Proclamação da República, como se vê nos capítulos LIX e LX. Assim temos:

Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas.(...) Uma revolução de dois ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador capturado em Petrópolis, viam descendo a serra. (ASSIS, 2002, 110 e 111).

1.1 O movimento realista no Brasil

Na Segunda metade do século XIX, a burguesia desfrutava plenamente seu poder. Com o despertar da consciência de classe do proletariado, por volta de 1830, inicia-se a separação das duas classes. A teoria do socialismo começa a ser estruturada e paralelamente, surge um movimento artístico ativista que põe em crise, a arte pela arte, e exige utilidade social da manifestação artística.

O cientificismo somado a industrialização combate o sentimentalismo romântico, o tom confessional das obras. A literatura produzida passa buscar a objetividade, crê na razão e preocupa-se com o social. A essa tendência oposta ao idealismo romântico, dá-se o nome de Realismo, estilo que pretende fixar-se no real e no homem comum, assoberbado por problemas prosaicos e rotineiros. A personagem realista, por sua vez, não se distingue por virtudes e faculdades especiais, e sim carrega em si toda a contradição da natureza humana.

Busca-se uma verdade para além dos fatos, assim como valores morais e estéticos que caracterizarão essa literatura como sendo de ação moralizadora. A descrição minuciosa que o escritor realista busca fazer da realidade é atravessada pela preocupação moral de detectar os vícios da sociedade e assim revelar distúrbios e conflitos inéditos ao leitor do período anterior.

A arte subordina aos ideais de melhoria da sociedade. O Romantismo continua existindo, mas evolui do misticismo e da alienação para um ativismo político posto a serviço dos interesses populares.

A revelação de um tipo social e de um vício da sociedade regida pelo capitalismo que o narrador denuncia, mostra que nem tudo está bem na sociedade burguesa, pois o compromisso político do escritor não é apenas conhecer a realidade, mas contribuir para modificá-la. A preocupação em conhecer a sociedade e revelar seus conflitos torna essa literatura analítica, descrente e desmistificadora.

1.2 Um olhar crítico sobre Machado de Assis

Nas obras dos grandes escritores aborda-se as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros que foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias. Antônio Cândido destaca que:

(...) os críticos que estudaram Machado de Assis nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa(...) (Cândido: 1995, 17)

No fim de sua vida, os leitores sublinhavam também o pessimismo, além de destacar sua ironia e o seu estilo como “boa linguagem”. O seu gosto pelas sentenças morais, herdado dos franceses dos séculos clássicos e da leitura da Bíblia, fazia com que difundisse uma idéia de algo difícil. Por isso Antônio Cândido nos afirma que:

(...) era preciso ler Machado, não com olhos convencionais, não com argúcia acadêmica, mas com o senso do desproporcionado e mesmo o anormal(...) e no entanto compõe as camadas profundas de que brota o comportamento de cada um. (Cândido: 1995, 25)

Um outro fato a destacar é que Machado não possuía um “espírito nacionalista” como seus colegas românticos. Na verdade, Machado fugia à posição falseada em que se encontravam os chamados “escritores nacionalistas”. Ainda nas obras machadianas da Segunda fase encontramos um autor disposto a ser um nacionalista sem utilizar-se de superficialidade, de entusiasmo exagerado. Machado percebeu toda essa situação e tratou de explorá-la. Ele encontrava forma para ser nacionalista a sua maneira, ou seja, advertindo a sociedade para que refletissem sobre a presença abundante de teorias e

modismos infiltradas no país. E ainda, que o consumo ingênuo de “novidades” levava-nos a tornarmos apenas imitadores, sem nos preocuparmos com modo de seu aproveitamento.

Por tudo isso, nota-se que nas obras de Machado, a crítica, a ironia em seus personagens mostra que, longe se significar “falta de patriotismo”, significa sim um ponto de partida para condições reais de independência crítica.

Antônio Cândido ao responder a acusação de alguns críticos literários sobre a falta de nacionalidade em Machado de Assis nos diz:

(...) ao contrário, ele a percebe com penetração e constância, mas em lugar de representá-la pelos métodos do descritivismo romântico, incorpora-a á filigrana da narrativa. (Cândido: 1995, 25).

Machado de Assis dava universalidade ao seu país pela exploração, em nosso contexto, dos temas essenciais, sem ter preocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Muitos dos seus contos e romances parecem abertos, sem conclusão necessária, e permitindo uma dupla leitura. Em *Esáu e Jacó*, Machado retoma sob a forma simbólica da rivalidade permanente de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo, através de uma crônica aparentemente corriqueira de uma família da burguesia carioca no fim do Império e começo da República. Nessa crônica é ressaltado a ambigüidade psicológica para dissolver os conceitos morais e suscitar um mundo escorregadio, onde os contrários se tocam e se dissolvem. Assim Machado, revela ao leitor atento o senso profundo das contradições da alma.

2. Uma análise sobre o universo narrativo machadiano

Pode-se dizer que Machado de Assis é o escritor das pequenas coisas, dos detalhes imperceptíveis a olho nu. Machado vai em busca daquilo que ninguém quis com uma curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.

(...)investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas dos componentes mais esquisitos da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas supresas. (Cândido: 1995, 21).

Machado faz uso de uma narrativa lenta, embora seja próprio dos escritores realistas de um modo geral, o gosto pelo detalhe, a morosidade narrativa. Tudo isso faz parte do estilo machadiano, o qual é refletido no comportamento de seus personagens. Em *Esau e Jacó* percebe-se essa característica nas várias referências políticas que estão disseminadas pelo romance, as considerações e reflexões filosóficas e morais, além das constantes conversas com o leitor.

Machado em sua obra destaca em seus temas certo humor, como podemos perceber no episódio da *Tabuleta do Custódio*, ao se referir a mudança de regime tece críticas em relação a rapidez com que o Brasil mudava de regime. Há também certo Moralismo e Reflexões, pois o estilo Machadiano tem gosto pelas considerações filosóficas e reflexões morais que vão espalhando ao longo do seu caminho, pois *o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano* (Bosi: 2000, 11). Como podemos confirmar nas palavras de Affonso Romano através de um trecho extraído do livro *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*:

(...) Narrativa de estrutura simples existe em Machado, mas sua narrativa não se limita a. Ele abandona a simplicidade da oposição vida/morte que aparece no princípio de Esau e Jacó(...) para jogar com a duplicidade(...)(SANT'ANNA: 1973, 129).

2.1 O narrador em Esaú e Jacó

A primeira grande questão é exatamente esta: quem é o narrador em *Esaú e Jacó*? Machado de Assis, antes do primeiro capítulo, escreveu uma advertência, na qual esclarece que *Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se lhe na secretária sete cadernos manuscritos(...)*. Os seis primeiros formavam um volume, que se transformaria no romance Memorial de Aires e o sétimo, intitulado Último, constituía uma narrativa á parte que proposto pelo próprio Aires, seria: *Esaú e Jacó*.

Portanto, Machado de Assis considerava-se apenas um editor do romance cujo verdadeiro autor/ narrador seria o Conselheiro Aires. Devemos, porém, nos lembrar que isto nada mais é do que uma estratégia narrativa de Machado de Assis, já que este diplomata aposentado é obviamente uma criatura ficcional, ou seja, um ser imaginário inventado pelo escritor.

O conselheiro Aires é também personagem de história, contada em *Esaú e Jacó*, cuja atuação começa a partir do capítulo XI. No entanto, embora Aires seja ao mesmo tempo narrador e personagem, observa-se que a narrativa não é contada em primeira pessoa, como seria de esperar nesse caso.

A esse respeito é muito importante o capítulo XII, intitulado “Esse Aires”, pois o narrador traça um precioso perfil físico e psícomoral do diplomata aposentado, vejamos:

*Não me demoro em descrevê-lo.
Imagina só que trazia o calo do ofício,
o sorriso aprovador, a fala branda e
cautelosa, o ar da ocasião a expressão
adequada, (...)
Era um gosto ouvi -lo e vê -lo.
Talvez a pele da cara rapada estivesse
prestes a mostrar os primeiros sinais
do tempo. Ainda sem o bigode, que era
moço na cor e no apuro(...) daria um
ar de frescura ao rosto quando o meio
século chegasse.(...) o cabelo,
vagamente grisalho, apartado ao
centro.(Assis: 2002, 36).*

Ora quem é esse autor? Notamos então que a narrativa vem sendo feita (e será toda feita) por um narrador externo à história, ou seja, que não atua como personagem, e que, embora usando às vezes a forma da primeira pessoa, caracteriza-se como um típico narrador de terceira pessoa, onisciente, ou seja, que sabe tudo sobre a vida externa e interna das personagens e que, de cima, tem a visão global da sociedade e da geografia nas quais eles se movem.

Quem é esse narrador? É o Conselheiro Aires, que se disfarça e se duplica, falando de si mesmo em terceira pessoa, num processo de distanciamento e pretensa objetividade? Ou é o próprio Machado de Assis que, editor fictício, apropria-se da narrativa e torna-se narrador, transformando-se também num ser ficcional, ou seja, invenção de si mesmo?

O narrador de *Esaú e Jacó* não seria um terceiro elemento, um narrador síntese que integra Machado de Assis (autor real, implícito) e o Conselheiro Aires (autor fictício e personagem)?

Vemos assim o quanto Machado de Assis problematizou um dos elementos mais importantes da narrativa: o narrador. Esse procedimento constitui uma novidade para seu tempo e caracteriza-se como um traço de sua modernidade.

É importante também observar que:

A narrativa do romance Esaú e Jacó se submete a visão de mundo do Conselheiro Aires. O fatos falam através do seu ponto de vista(...) Aires representa alguém que ironicamente possui a verdade, ou sobre ela reflete. É a sua posição ideológica que fundamenta a narrativa (...) ele é quem opina sobre a significação da matéria narrada, mesmo que não possa esclarecer todos os enigmas.(Dirce Cortes Riedel—Um romance "histórico"?).(Assis: 2002, 03).

2.2 Personagens em Esaú e Jacó

Em *Esaú e Jacó*, todas as personagens são bem postas na vida e não precisam fazer muito esforço para ganhar dinheiro. Temos então o Aires, diplomata aposentado; possui o gosto pela reflexão e uma percepção poético-racional do mundo. Tem o perfil de solteirão, sendo complacente e conciliador, avesso a controvérsias.

*Tinha o coração disposto a aceitar
tudo, não por inclinação à harmonia,
senão por tédio à controvérsias.
(Assis: 2002, 37).*

Sua jovialidade é permanente e coerente no modo de encarar a vida. A pedido de Natividade, mãe dos gêmeos, torna-se conselheiro de ambos.

Pedro e Paulo são os gêmeos que dão nome ao livro (*Esaú e Jacó*). caracteriza-os uma rivalidade que remonta ao ventre materno, quando já brigavam. Não constituem individualidades autônomas, não passando de símbolos da dualidade do ser humano na sua natureza complexa e intrincada. Assim vamos as características desses personagens na obra.

Pedro, um dos gêmeos, tem personalidade de uma pessoa dissimulada. Conservador e monarquista, só aceita a idéia da República a muito custo. Nas visitas que faz a “Flora”, a jovem que divide o coração pelos gêmeos, prefere calar-se a ouvi-la tocar piano. Apesar de ser tímido e calado, é muito astuto, armando tramas “sutis”.

Já Paulo, irmão gêmeo de Pedro, tem personalidade bastante diferente deste, pois mostra-se agressivo, impulsivo e impetuoso. É republicano e está constantemente insatisfeito com a situação, querendo mudanças constantes. No convívio com a Flora, prefere conversar a ouvi-la tocar piano. Suas atitudes são encaradas e suas opiniões são expostas abertamente.

Falemos então de Flora, esta, segundo o narrador é moça frágil, sensível e apaixonada pelos gêmeos, não consegue optar por um deles. Em suas fantasias e alucinações, transforma Pedro e Paulo em uma única pessoa. Morre por amor, como uma típica heroína romântica.

Natividade, a mãe dos gêmeos. Foi aclamada baronesa aos 40 anos, possuía a alma “azul”;

*Um azul-celeste, claro e transparente,
que alguma vez se embruscava, raro
tempestuava e nunca a noite escurecia
(Assis: 2002, 47).*

Machado de Assis a descreve atravessando todas as fases da maternidade: a gravidez e seus sentimentos em relação a ela, e seu relacionamento com os filhos desde pequenos até adultos.

Destacamos também a personagem “Barbara”, a cabocla, (espécie de adivinha) que mora no Morro do Castelo, mulher a quem a Natividade e a irmã vão consultar, secretamente, para saber o futuro dos gêmeos.

*Era uma criaturinha leve e breve, saía
bordada, chinelinha no pé. Não lhe
podia negar um corpo airoso (...) O
mistério estava nos olhos. Estes eram
opacos, não sempre nem tanto que não
fossem também lúcidos e agudos(...)
(Assis: 2002, 17).*

2.3 Romance Histórico ou Político?

É do ponto de vista da história política, no entanto, que o romance parece ancorar-se mais solidamente no Realismo. Historicamente a narrativa se passa no período da transição do Império para a República, e esse acontecimento é referido diversas vezes e sob diversos aspectos.

Numa perspectiva bem-humorada e irônica, o conflito de ser romance histórico ou político é salientado no famoso episódio da *Tabuleta do Custódio* (cap. XLIX, LXII e LXIII). Dono da confeitaria do Império, Custódio precisou trocar a tabuleta que já estava bem velha, mandando pintar uma nova. Nesse meio tempo, porém, aconteceu a mudança de regime, com a proclamação da República. Custódio ficou temeroso do nome de sua confeitaria e achou prudente mudá-lo. Na dúvida, foi então consultar o Conselheiro Aires, na esperança de encontrar um novo nome para seu estabelecimento, o qual não fosse politicamente comprometedor e ao mesmo tempo lhe garantisse a fidelidade da freguesia. O episódio tem vários aspectos. A referência irônica a República, porém, esta principalmente em dois comentários similares de Custódio diante das sugestões de Aires. O primeiro é quando o Conselheiro lhe propõe trocar o nome para Confeitaria da República, e ele pondera:

- Lembrou –me isso, em caminho, mas também me lembro que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro (Assis: 2002, 114).

E o segundo comentário ao final do mesmo capítulo LXIII, é quando Aires então sugere Confeitaria do Custódio, e o comerciante considera:

-Sim, vou pensar Excelentíssimo
Talvez convenha esperar um ou dois dias, a ver em que param as modas (...). (Assis: 2002, 116).

Percebe-se, a insinuação de que seria de pouca seriedade e duração a República recém-proclamada.

Flora, simbolicamente, personifica essa perplexidade: não pode ficar só com Pedro (Monarquia) nem só com Paulo (República). Seu desejo é a fusão, a síntese do que melhor houvesse nos dois: ideal irrealizável!

A não conciliação dos gêmeos representaria, então, a impossibilidade de se chegar a um regime político ideal. Assim Affonso Romano nos diz:

(...) a estória de Machado não visa ilustrar a história do Brasil, mas esta é que serve para ilustrar a sua estória(...) (SANT'ANNA: 1973, 127).

2.4 Realismo?

Embora Machado de Assis, após o romance *Mémórias Póstumas de Brás Cubas*, seja classificado dentro do Realismo, a verdade é que se torna difícil e inadequado confirmar sua obra nos limites estritos de escolas e movimentos literários.

Sua narrativa cava mais fundo. Ele não conta uma estória para ilustrar de novo um mito já existente, como era usual no Romantismo. Nem se interessa em compor uma obra realista enquanto o Realismo se define como descrição e fotografia de uma realidade social e histórica (Romano: 1973, 120, 121).

O enredo de *Esau e Jacó*, por exemplo, gira ao redor da permanente rivalidade entre os gêmeos Pedro e Paulo. Já começaram brigando no ventre materno e continuam se desentendo vida afora. Pedro é uma pessoa dissimulada, conservadora e monarquista, já Paulo é bastante diferente de Pedro, pois mostra-se agressivo, impulsivo, impetuoso e republicano.

Essa oposição sistemática só é interrompida duas vezes pela trégua momentânea motivada pela morte das duas figuras feminina que catalizam o afeto dos gêmeos: Flora (a indecisa amada de ambos) e Natividade (a mãe).

Ora o leitor logo percebe o quanto de inverossímil, de artificial, existe nessa oposição sistemática entre os gêmeos. O irrealismo dessa situação só se compara ao irrealismo de Flora, personagem estérea, vaga, sem outra substância que não seja vivenciar, na indecisão, o conflito do amor duplo de que é alvo por parte do gêmeos. Conflito e indecisão que de certo modo, levarão à morte.

O próprio narrador, às vezes de forma ambígua, às vezes de forma irônica, reconhece a inverossimilhança e o irrealismo dessas situações... Portanto, não se trata de um realismo do tipo *espelho fiel e exato* da vida real. Apesar disso, porém, identificamos no romance uma dimensão realista no sentido de que nele ocorre momentos e cenas de forma verossímil, plausíveis, representam (imitam) situações da vida real, parecendo, portanto, um típico *romance de costumes*.

O romance, portanto, oscila entre situações realistas, verossímeis, plausíveis, e situações artificiais , inverossímeis não podendo, pois, ser enquadrado dentro de um Realismo escrito.

3. Intertextualidade e Polifonia

O texto literário realiza-se como um espaço no qual se cruzam diversas linguagens, variadas vozes, diferentes discursos. O procedimento pelo qual se estabelece esse múltiplo diálogo é a intertextualidade. As vozes que se cruzam nesse oposto caracteriza-se portanto o fenômeno da polifonia.

As personagens de Machado dialogam abundantemente com texto do presente e do passado (...). A intertextualidade promove o diálogo universal de textos. (Schiller: 1989, 25).

O romance *Esau e Jacó* é rico nos dois procedimentos. Temos como exemplo o capítulo I – Natividade e sua irmã Perpétua sobem o Morro do Castelo para consultar Bárbara, a cabocla vidente. Essa motivação e a cena da entrevista com a adivinha caracterizam o discurso mítico, a esfera da religiosidade e da credence. Nesse caso relacionado a um contexto popular. Mas o narrador faz referência a outros personagens da tragédia grega como por exemplo a referência á Ésquilo, também num discurso mítico, só que agora no contexto da antigüidade clássica, ambientado na Grécia.

Observe-se, que durante a consulta, lá fora o pai da adivinha tocava viola e cantarolava *uma cantiga do sertão do Norte* - portanto outra voz/ outro discurso se cruzando com os demais: a música e a poesia sertaneja.

E assim vamos encontrar ao longo do romance inúmeras referências, citações (inclusive em francês e latim), situações...- relacionadas a Bíblia, com personagens do mundo da política, da literatura, do teatro, da mitologia.

Um dos procedimentos intertextuais mais curiosos é o fato de que com certa frequência, o narrador transcreve trechos do romance Memorial de Aires – uma espécie de diário do diplomata aposentado, e que ainda não havia sido publicado.

3.1 Dialogismo e Polifonia em Esaú e Jacó

Sabemos que as diferentes vozes que se cruzam num espaço intertextual caracteriza o fenômeno da polifonia. Assim, poder-se ia citarmos Ingedore a qual nos diz que:

O termo, emprestado a Bakhtin, quando caracteriza como polifônico o romance...passa a designar o coro de vozes que se manifesta normalmente no discurso, visto ser o pensamento do outro constitutivo do nosso(...)
(KOCH: 2002,140).

Para melhor compreendermos esse processo no romance analisado destacamos os diálogos de alguns personagens.

Cabocla e Natividade, representa o dialogismo de vozes e culturas de dois universos sociais (o baixo, representado pela Cabocla, e o alto, representado por Natividade). Num primeiro momento a voz da Cabocla penetra na consciência de Natividade e, através desta, irá abrir uma grande fissura no seu universo elevado, abrangendo da simples consciência do banqueiro Santos, marido de Natividade, ao saber elevado da Bíblia e da filosofia.

Ao iniciar o romance, Machado de Assis cita um verso de Dante Alighieri, extraído da *Divina Comédia*, canto V do *Inferno* em que diz: *Dico, che quando l'anima mal nata..* Introduzido pelo narrador Aires que por sua vez, é imagem de autor ou autor secundário criado por Machado de Assis nos mostra um espaço em que já se cruzam diferentes vozes. A citação de autores ou frases famosas são constantes no estilo machadiano. Esta por sua vez, nos alerta quanto o que será narrado em seguida, mostrando-nos já de início um processo intertextual e polifônico na obra *Esaú e Jacó*.

A epígrafe segue-se o primeiro capítulo—Coisas futuras!; no qual passam a coexistir e dialogar as fronteiras que separam os dois pólos opostos da estrutura social—o pólo de baixo, representado pela Cabocla, e o pólo do alto, representado por Natividade e sua irmã Perpétua: estas são portanto vozes da cultura e da ideologia oficial, enquanto a Cabocla pela profissão de adivinha, representa a cultura marginal e traz em sua constituição física a síntese do dualismo de raças, pois é mulher marcada pela ambigüidade racial

(cabocla, nem branca nem negra). Se Natividade, dama burguesa, de formação religiosa católica, deixa o seu mundo definido e vai procurar resposta para as suas dúvidas no mundo de baixo, profano, assistemático, isto já nos sugere que a cultura oficial, a despeito de toda a sua pretensão á auto-suficiência, não encontra em seu próprio espaço a resposta para os seus problemas especificamente burgueses (a preocupação prematura com o futuro dos filhos) e por essa razão vai procurar essa resposta na cultura popular, no outro. Temos pois, um cruzamento de vozes, de valores e pontos de vista de mundos diferentes que precisam coexistir para resolver a expectativa de Natividade. Temos ainda, a constatação de que a cultura burguesa, ainda que envergonhada, tem de aceitar a existência e a presença do outro, do diferente, como condição essencial de sua própria sobrevivência. Essa vergonha estribada num pretensioso complexo de superioridade, numa resistência velada a aceitar o outro como uma espécie de duplo, faz Natividade e Perpétua sentirem constrangimento e tentarem ocultar suas identidades reais ao subirem o Morro.

(...) continuavam a subir, como se fosse penitência, cara no chão, véu para baixo.(...) A mesma lentidão do andar, comparada a rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam.(...).Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da Cabocla(...).(ASSIS: 2002,15)

Numa primeira instância elas resistem á imagem do outro, temem situar-se nessa imagem e serem contaminadas, mas, numa segunda instância, o imperativo ideológico de antecipar o futuro dos filhos que, em síntese, é o futuro da classe que elas ali representam, faz com que as duas aceitem á imagem e a palavra do outro.

A verdade se ajusta a prioridade e a prioridade é estabelecer que medidas tomar diante de uma eventual antecipação daquele futuro e garantir que os filhos seja os continuadores da tradição e do poder econômico e social da família. O interesse de Natividade em descobrir o destino dos filhos se cruza com o interesse da Cabocla em adivinhar, e esse cruzamento se dá no espaço da liminaridade em que se estabelece uma relação dialógica de intercomplementaridade, na qual os opostos (o eu e o outro) não só se aproximam e coexistem momentaneamente como são, ainda, indispensáveis um ao outro,

uma vez que a existência da adivinha está condicionada á existência de alguém que acredite na sua adivinhação. As palavras da Cabocla não só marcarão toda a existência posterior ao diálogo entre as duas como irão cruzar-se também com as palavras de Santos, marido de Natividade, e determinar o comportamento dele, estabelecendo, já, uma relação de polifonia em que se cruzam as vozes da Cabocla, de Natividade, de Santos, além de outros discursos autorizados do pensamento elevado da Bíblia e da Filosofia.

As palavras da Cabocla cravam-se na consciência de Natividade, saem de sua boca e penetram na consciência do marido, abrem nesta uma fissura e impelem Santos a levar aquelas palavras a outras instâncias discursivas, como se vê no exemplo das páginas 39-40, capítulo XIV *A lição do discípulo*

Antes de nascer, crianças não brigam, replicou Aires(...) Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito.(...)Também poderia ser um motivo temporal. Suponhamos a necessidade de se acotovelarem para ficar melhor acomodados; é uma hipótese que a ciência aceitaria(...) Há ainda o caso de quererem ambos a progenitura.

Santos afiou o ouvido neste ponto lembrando-se das "coisas futuras" Aires disse ainda palavras bonitas e acrescentou outras feias, admitindo que a briga podia ser prenúncio de graves conflitos na terra(...) (ASSIS: 2002,39)

É na voz autorizada do outro que Aires vai buscar a afirmação as palavras da Cabocla. O capítulo junta o processo dialógico em que os diálogos se justapõem e formam o grande arranjo polifônico. A voz da Cabocla penetra a consciência de Santos, arrasta o próprio Aires que a reforça com exemplo do Gênesis, alto saber bíblico, e consolida-se com Empédocles/ Heráclito no discurso do alto saber filosófico. Afirma-se assim o processo polifônico pelo cruzamento das vozes da sabedoria popular centrada na Cabocla, do alto saber bíblico centrado no Gênesis, do alto saber filosófico em Empédocles/ Heráclito e isso tudo para definir os destinos de Pedro e Paulo como futuros grandes homens.

A palavra da Cabocla vai se ensinuando primeiro através de Natividade, depois de Perpétua na escolha dos nomes dos apóstolos que brigaram, depois de Aires, do Dr.º Plácido e, finalmente consolidada em Santos. A luta “surda” pelo seu domínio levou a palavra da Cabocla a ser a única voz.

É próprio do romance dialógico o deslocamento de características de uma personagem para outra, ainda que elas sejam muito diferentes em termos culturais e sociais. Em *Esau e Jacó* encontramos esse cruzamento de traços em personagens totalmente diversos.

3.2 Pedro e Paulo e a dualidade humana

A dualidade do ser humano está explícito no próprio título do livro: *Esau e Jacó* figuras bíblicas que rotula um romance, filhos de Isaac e Rebeca, que se caracterizaram pela rivalidade. No romance, os irmãos têm nome de Pedro e Paulo, o que evoca os dois apóstolos, também rivais, segundo a explicação do velho Plácido.

Todas as personagens da obra *Esau e Jacó* de Machado de Assis com exceção do Conselheiro Aires são classificadas como planas. Temos neste romance desde o próprio título referência a ambigüidade humana, representada por Pedro e Paulo. Os gêmeos tinham constantes brigas que passavam um significado histórico, expressava o comportamento da sociedade, que diante de mudanças ficava sem saber o caminho a seguir, nem mesmo compreendia o que estava acontecendo. Machado de Assis ao criar personagens gêmeos, com características opostas, nos deixa transparecer a ambigüidade humana, pois quer mostrar-nos que na realidade os dois representam uma única pessoa. O ser humano que não é só bom ou ruim, é uma mistura, e ao observarmos essas características distintamente, fica mais fácil percebê-las.

Pedro era dissimulado e conservador, ao contrário de Paulo que era agressivo e impulsivo, não é possível ser um ou outro, por isso ao verificarmos tão distintamente o ser humano, veremos que Machado faz com que na obra predomine o ser humano em relação a fatos políticos e históricos.

Pedro e Paulo não constituem individualidades autônomas, não passando de símbolos da dualidade do ser humano, na sua natureza complexa e intrincada, que só uma Flora, pode ver e “explicar”. No valor e no ímpeto podia comparar o coração ao gêmeo Paulo; o espírito, pela arte e sutileza, seria o gêmeo Pedro. E que são o “coração” e o “espírito” senão dualidades do mesmo ser? Era certamente por isso que Flora não os distinguia, chamando Paulo de Pedro e vice e versa:

Em vão eles mudavam de esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. (Assis: 2002, 68)

Entretanto a dupla Pedro e Paulo é não só símbolo da dualidade do ser humano como também um meio de Machado por a vivo a situação política dos fins do século XIX, em que igualmente está implícita a ambigüidade humana : Pedro era monarquista (conservador) Paulo republicano (liberal). A razão é o espírito de inquietação de Paulo e o de conservação em Pedro.

O crítico Affonso Romano ressalta que:

A narrativa machadiana desenvolve – se sistematicamente explorando a duplicidade através de um jogo de oposições. (Romano: 1973, 125).

Em que Pedro e Paulo estão como a dualidade básica do livro. Pois nascem e crescem sob o signo da rivalidade, tal como *Esau e Jacó* ou apóstolos Pedro e Paulo (personagens bíblicos). E por ironia do destino, amam a mesma mulher, Flora, filha do Batista e de D. Cláudia. Como solução para esse intrincado impasse, Flora que ama a ambos, acaba morrendo, assim os gêmeos continuam rivalizando pela vida. Eleitos deputados em oposição um ao outro, eles eram “os mesmos, desde o útero” .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criticamente, *Esau e Jacó* não é o melhor romance de Machado de Assis, hoje porém, cada vez mais se descarta essa visão simplista e já se admite que *Esau e Jacó* seja um dos romances esteticamente mais elaborados de Machado de Assis e, possivelmente, o de mais difícil compreensão e interpretação. Assim podemos perceber na figura dos gêmeos que todos nós temos dois gênios dentro de nós. Com outras palavras: todos nós temos um Pedro (espírito) e um Paulo (coração). Ora somos inquietos, como Paulo, ora dissimulados, como Pedro, ora republicanos (Paulo) ora conservadores (Pedro)...

A realidade da disputa presente naquela sociedade que está simbolizada no convívio dos gêmeos; a amizade aparente, o amor por uma mesma mulher, refletem as máscaras que as pessoas usam para alcançarem seus objetivos. É ambíguo o conhecimento que obtemos dos personagens, na medida em que eles representam o ser humano e neste, temos a parcela de dualidade em todos os sentidos, quando reconhecemos o mundo complexo em que aqueles vivem.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó* 12ª edição São Paulo: Ática 2002.

BOSI, Alfredo. *I História Concisa da Literatura Brasileira* 39ª edição, Cultrix.

BOSI, Alfredo. *O enigma do Olhar*, São Paulo: Ática, 2000.

FARACO, Carlos Emílio. GOMES, Álvaro Cardoso. OLIVEIRI, Antônio Carlos. *Literatura Autores e Época*, São Paulo: Ática, 1994.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*, 7ª edição São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Luiz Costa. *Dispersa Demanda, Ensaios sobre Literatura e Teoria* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1981

SANTANNA, Afonso Romano. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*, Petrópolis: Vozes, 1973.

SCHULER, Donaldo. *Teoria do Romance*, São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas* 4ª edição, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.